

Uma análise narrativa da minissérie, *Hoje é dia de Maria* sobre as perspectivas de Genette

*The narrative analysis of the miniseries Today is Maria's
day about Genette perspectives*

Rosângela Barbosa SILVA¹

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre a estrutura narrativa da obra *Hoje é dia de Maria*, texto de Carlos Alberto Soffredine. Na busca desta reflexão, encontramos guarida a luz dos conceitos propostos por Gérard Genette, crítico literário francês e teórico da literatura a partir da abordagem estruturalista do discurso narrativo. O corpus do estudo destaca-se pelas cenas/imagens a destacar: a personagem Maria, Dom Chico Chicote, o jantar dos clowns e Maria perde a infância.

Palavras-chave: Narrativa. Teledramaturgia. Genette. *Hoje é dia de Maria*.

Abstract

This article presents an analysis on the narrative structure of the work *Today is the day of Mary*, written by Carlos Alberto Soffredine. In the search for this reflection, we find the light of the concepts proposed by Gérard Genette, French literary critic and literature theorist from the structuralist approach of narrative discourse. The corpus of the study stands out for the scenes / images to highlight: the character Maria, Dom Chico Chicote, the dinner of clowns and Maria loses her childhood.

Keywords: Narrative. Teledramaturgia. Genette. *Today is Mary's Day*.

Introdução

A história da sociedade é construída por narrativas atrelada ao contato cultural presente na humanidade. Várias manifestações culturais, como por exemplo, a literatura, a pintura, o cinema, a música a teledramaturgia entre outros são narrativas e que se justifica pela importância da sua estrutura. Dessa forma, as reflexões aqui decorrentes

¹ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Católica de Brasília. Professora no Centro Universitário UniProjeção. E-mail: rosangelabs@gmail.com

são relevantes na consolidação da história cultural. Entende-se a narrativa como sendo a construção verbal ou visual que fala do mundo.

Partindo das perspectivas de Genette (1972), a narrativa é um discurso. O autor parte da ideia que definir positivamente a narrativa é acreditar, talvez perigosamente, na ideia ou no sentimento de que a narrativa é evidente, de que nada é mais natural do que contar uma história ou arrumar um conjunto de ações em um mito, um conto, uma epopéia, um romance.

O objetivo do artigo é compreender *Hoje é dia de Maria*, partindo da estrutura narrativa de Genette e como os conceitos propostos pelo autor são aplicados à obra.

A escolha deste tema se deu, pelo formato inovador na teledramaturgia brasileira.² Para contar as aventuras de Maria pelo mundo afora, os autores trouxeram elementos folclóricos e míticos presentes nos contos populares. Este assunto merece ser estudado, pois a minissérie retrata as metáforas e simbolismos, com linguagem, estrutura narrativa e estética. Tendo em vista a capacidade que possui a literatura de representar a realidade e a televisão em veicular tais representações, a obra *Hoje é dia de Maria* teve várias adaptações de textos literários para a TV.

É pertinente ressaltar que os conceitos de Genette abordados neste artigo são os seguintes: palimpsesto, hipertextualidade, metáfora, espaço e tempo. Para aprofundarmos os conceitos de Genette é preciso “beber” também de outros pensadores.

O corpus compõe-se de quatro cenas da minissérie a destacar: a personagem Maria, Dom Chico Chicote, o jantar dos clowns e Maria perde a infância. Acredita-se que com a exposição deste corpus será possível a compreensão da obra sobre o olhar dos conceitos de Genette.

Hoje é dia de Maria

Inspirada no texto do dramaturgo Carlos Alberto Soffredine, e adaptações de Luis Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, a obra *Hoje é dia de Maria* narra as

² A teledramaturgia é, geralmente, concebida em narrativas cuja apresentação é seriada. Ou seja, é realizada em capítulos ou episódios que podem ter, a depender do tipo de narrativa, características e formas de desenvolvimento bem diferenciado e específico.

aventuras da menina Maria pelo mundo afora. Repleta de elementos folclóricos e míticos, a história faz uso de muitas metáforas e simbolismos.

A minissérie conta a saga de uma menina que perde a mãe e vive entre as maldades da madrasta e as bebedeiras do pai. Protegida por Nossa Senhora, ela foge de casa e enfrenta as artimanhas do demônio, senhor dos descaminhos, em suas múltiplas facetas. Apesar da árdua travessia, Maria não desiste de buscar o caminho em direção às “franjas do mar”.

Segundo Abreu (2005), *Hoje é dia de Maria* é uma narrativa poética que se faz por meio de uma intersecção vigorosa em que se reúnem os diferentes gêneros musicais, cantorias populares, teatro mambembe, e ao mesmo tempo, irradia as emanções da literatura dos contos de fadas, dos irmãos Grimm, a visão de Dante Alighieri e Miguel Cervantes, o que representa um salto no passado prosaico e literário, recuperando as analogias, semelhanças e simpatias do imaginário medieval, como uma estratégia de iluminação estética da nossa modernidade líquida.

A obra foi exibida pela TV Globo em comemoração aos quarenta anos da emissora. Como observa Abreu (2005), a minissérie foi dividida em duas jornadas, a primeira com oito episódios em janeiro e a segunda com cinco episódios em outubro no ano 2005. As gravações foram todas realizadas em um grande domo, o antigo palco onde foi realizado o Rock in Rio III. O espaço, que tinha formato circular e fazia alusão ao globo terrestre, foi todo reciclado. O cenário foi pintado à mão e inspirado em pinturas de Cândido Portinari. O figurino também foi produzido a partir de material reciclado.

Ainda segundo o autor (2005), para compor o cenário a minissérie trouxe marionetes em forma de animais produzidos com madeira, ferro, e tecidos, pelos grupos Galpão e Gira Mundo de Minas Gerais. Além dos bonecos, *Hoje é dia de Maria* teve a participação de artistas de circo e dançarinos.

A trilha musical desenvolvida para a minissérie foi criada a partir de duas matrizes: os cantos populares infantis, como *Alecrim Dourado*, e estrutura estilística desenvolvida pelo modernista Heitor Villa-Lobos, logo, a obra musical desenvolvida alcançou o efeito desejado, mesclando a magia dos contos populares, de fadas e o universo infantil, em uma proposta que resgata os valores culturais próprios do Brasil.

Figura 1 - Personagem Maria



Fonte: Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas (2006)

Palimpsesto – a personagem Maria

O que é um palimpsesto? Nas palavras de Genette (2010) é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de outra obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor.

Entende-se, portanto, que todo ato de escrever ocorre na presença de outros textos que falam através de outros escritos. O palimpsesto mostra que o autor não é única fonte geradora de sua obra, assim o significado da obra é atribuída a uma cadeia interminável de significação. E como não poderia ser diferente, em *Hoje é dia de Maria*, há diversas cenas, que faz referências a outras obras.

Diante do conceito de Genette percebe-se que a minissérie *Hoje é dia de Maria*, teve sua narrativa reestruturada a partir de uma personagem recorrente, feminina, que é a Maria, tendo em vista que, nos contos é praticamente a personagem principal, aquela que nos revela a história. Segundo Santos (2005), a sugestão proposta pelo diretor, Luiz Fernando Carvalho, nos atenta para uma importante função delegada à personagem protagonista da história: o seu uso como um dos elementos principais responsável pela aglutinação de vários textos e fragmentos de textos retirados de outras obras.

Compreende-se que a minissérie *Hoje é dia de Maria*, pode ser comparadas aos clássicos: Alice no País das Maravilhas do escritor, Lewis Carroll (1865) e o Mágico de Oz, de Frank Baum (1920). As personagens protagonistas são femininas e a história tem contextos parecidos. Nas histórias está sempre acontecendo alguma coisa, não raro algo inusitado, maluco ou mágico. Tais elementos compõem as narrativas. Maria, Dorothy e Alice vivem grandes aventuras em busca do caminho de volta pra casa e ao final da história tudo não se passa de um sonho.

Vale lembrar que de acordo com Genette (2010), todas as obras são derivadas de outra obra anterior, por transformação ou por imitação. O palimpsesto está diretamente ligado ao conceito de hipertexto como podemos observar na cena primeira cena da minissérie descrita a seguir.

A hipertextualidade - Dom Chico Chicote

Um dos personagens da Minissérie, Dom Chico Chicote, defensor da justiça, da ternura e da esperança vive sozinho na cidade a sonhar e guardando alguns valores esquecidos pela sociedade ao redor. É uma espécie de Dom Quixote. O livro na cabeça e o jeito torto de andar completam o visual do personagem. Tem uma vida sonhadora diante da triste e malvada vida real da cidade.

Incomodado com as injustiças o cavaleiro sonhador resolve sair às ruas chamando o povo para que lutem pelos seus sonhos, cantando uma música que faz referência a um poema do português, Sebastião da Gama: *é pelo sonho que vamos*.

*Pelo sonho é que vamos,
comovidos e mudos.*

*Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia a dia.
Chegamos? Não chegamos?
- Partimos. Vamos. Somos.*

Figura 2 - Dom Chico Chicote na cidade



Fonte: Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas (2006)

A cena vai ao encontro dos conceitos de Genette (2010), nas questões hipertextuais, explicitando que o hipertexto é todo texto derivado de um texto anterior; tal relação se estabelece por dois tipos de processos o de transformação simples, ou direta, e o de transformação indireta, ou imitação. Compreende-se transformação simples como o processo em que um texto B, apesar de não citar o texto A, não poderia existir sem o texto A.

Dessa forma, a hipertextualidade é usada em *Hoje é dia de Maria* como um instrumento de análise, ou seja, na cena descrita acima os poemas cantados/narrados pelo personagem Chico Chicote está relacionado à maneira em que ele vê o mundo e isso reflete os valores culturais presentes na minissérie. E esses valores são parecidos com o de Dom Quixote. Isso reforça que as adaptações feitas em *Hoje é dia de Maria* são diretamente e abertamente conectadas com outros trabalhos reconhecíveis, e esta conexão é parte de suas identidades formais. Chico Chicote é baseado em Dom Quixote de Miguel de Cervantes (1605). Não apenas as características físicas, mas também a função da honra e dos ideais de justiça são características semelhantes dos dois personagens.

Ainda segundo Genette (2010), a Eneida e Ulisses são exemplos de hipertextos oriundos de um mesmo hipertexto: a Odisséia. A transformação que conduz a Odisséia a Ulisses pode ser descrita como uma transformação simples, ou direta: aquela que consiste em transportar a ação da Odisséia para Dublin do século XX. A transformação que conduz da Odisséia a Eneida é mais complexa e mais indireta, pois Virgílio não transpõe de Ogígia a Cartago e de Ítaca ao Lácio, a ação da Odisséia: ele conta outra história completamente diferente, mas, para fazê-lo, se inspira no modelo estabelecido por Homero na Odisséia, imitando-o. A transformação indireta, ou imitação exige a constituição prévia de um modelo de competência genérico, extraído de uma performance única, e capaz de gerar um número indefinido de performances miméticas.

Seguindo essa linha de raciocínio, Nogueira (2009) observa que os livros consagrados que foram estilizados pertencem a autores que, por sua vez, parafrazearam outros: paráfrase do especial de Soffredini, que por sua vez estiliza os contos de Grimm, que se inspiraram em Perrault. Paráfrase de Cervantes, que parodiou os romances de cavalaria, também estilizados por Gil Vicente e Antônio José da Silva. Paráfrase de Monteiro Lobato, que estilizou Lewis Carrol, por sua vez também parodiador.

Compreende-se que a homenagem à literatura está presente em *Hoje é dia de Maria* desde a estrutura de contação de histórias, da Primeira Jornada, até o personagem do poeta desmemoriado na Segunda Jornada – ilustrando a passagem do oral ao literário e sua busca pela memória e nas intertextualidades que revelam o universo cultural.

Diante do exposto, é relevante ressaltar Genette (2010), quando diz que a hipertextualidade é um texto dentro de outro texto o que é percebível em *Hoje é dia de Maria*, é possível constatar elementos de outras obras dentro da minissérie.

Mas o prazer do hipertexto é também um jogo. A porosidade das divisões entre os regimes deve-se, sobretudo, à força de contágio, neste aspecto da produção literária, do regime lúdico. Esta contaminação constitui uma grande parte de seu valor. (GENETTE, 2010, p.46). Percebe-se que na minissérie existem as categorias funcionais e estruturais do hipertexto, salientando sua importância e presença dentro da literatura.

A jornada de Maria é uma história que costura, através das experiências vividas pela menina (em seu sonho), fragmentos de várias outras histórias, de histórias antigas pertencentes ao repertório das tradições culturais brasileiras e também universais.

Metáfora – O Jantar dos Clowns

A minissérie *Hoje é dia de Maria*, conforme observa (Hauschild, 2007, p. 66) é permeada de metáforas extremamente poética, lembra a modalidade da fala teatral. Ou seja, presença desses elementos configura a utilização na minissérie de dimensões que se encontram em relação de combinação e confrontação: linguagem verbal (literária), imagem, som e movimento.

Para Genette (1972), a metáfora é a visão privilegiada de uma visão profunda, ou seja, aquela que vai além das aparências para ter acesso à essência das coisas. A metáfora nesse sentido é um instrumento capaz e essencial em que é possível encontrar essência no tempo.

Maria sente fome e pede a Chico Chicote, seu protetor comida, mas o que ele pode oferecer é um banquete imaginário que faz uma analogia com a cena do filme *Hook* a volta do Capitão Gancho. Em *hoje é dia de Maria*, a cena é cheia de magia. Chico Chicote cantando, oferecendo travessas e copos vazios que se transformam em comida para Maria e seus amigos (bonecos animados por *stop motion*). O cenário é cheio de efeitos mágicos. O cenário antes simples, um casebre, se transforma em um lugar luxuoso com móveis de madeira, cortinas de seda, mesa farda com toalhas de

linho, taças de cristal, talheres de prata e os trajes dos personagens são de tecidos nobres de seda e renda.

Antes de começar o banquete imaginário, Chico Chicote diz: *“a inteligência nos foi dada primeiro para imaginar um mundo melhor, depois para construí-lo. Com nossa inteligência imaginamos. Nem mais, nem menos.”* Ao som de um violino, um dos bonecos começa a tocar e Chicote canta:

*Sobre a mesa
Frangos, carnes e peixes
Bife à milanesa
Lasanha, tamanha fartura e sabor
E cor e aromas não vistos
Cordeiros, purês e petiscos
E docifiquemo-nos!
Bolos, Compotas, quindins
Beijin..., goiabada, Alferim
Marmelada com queijo!
Sorvete, pudim, casadinho
E agora brindemos com vinho!*

O banquete é interrompido por uma rapaz que entrega pizza e leva a Dom Chico e Maria um pedaço de pão. Os personagens são levados de volta à realidade. Chico Chicote então diz à menina: *“onde comem seis um só come muito melhor. Presente nosso, Maria. Coma coma com a sua fome e a nossa vontade.”* Maria então divide o pão com seu amigo.

Figura 3 - O Jantar dos *Clows*.



Fonte: Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas (2006)

Percebe-se que na cena descrita acima é rica em metáforas. Existe o que Genette (1972), chama de contemplação da essência das coisas. Essa essência das coisas para o autor somente pode ser retirada pela obra de arte. Assim, a metáfora consegue dar conta de sugerir aquilo que por sua própria natureza não se presta às descrições imobilizantes e superficiais do discurso denotativo.

Deste modo, por trás desses usos cotidianos do conceito de metáfora e sua aparente contraparte “literal”, parece haver uma visão do fenômeno metafórico como o uso de um termo, ou “expressão”, que está sendo usado em lugar de outro mais direto, mais objetivo e, portanto, mais real ou verdadeiro. (VENEZA, 2007, p.200).

Ainda segundo Veneza (2007), que de uma maneira geral, já dentro de uma perspectiva mais teórica, parece haver um consenso entre pesquisadores, estudiosos e professores de línguas de que a metáfora representaria, em sua essência, uma transferência de sentido de um termo “A” para outro termo “B”. Essa visão consensual implica que necessariamente “transporte de sentido”

Entende-se que a imaginação nesta cena pode ser tratada como metáforas, pois está refletida no que Genette (1972), chama de estilo substância capaz de restituir somente pela força de seu alto grau de unidade. Há na cena uma visão metafórica onde os personagens fogem da realidade. Para Genette (1972), a metáfora é um instrumento imprescindível na reconstituição da visão das essências. Dentro destas

perspectivas, por meio das metáforas é que se encontra a essência fugida das coisas, mas em constante renovação.

Ainda segundo Rossetti (2005), na metáfora há fluidez que pode ser aludida por imagens, que por serem modos de expressão móveis em seu significado, podem acompanhar o devir contínuo da realidade, e assim, comunicar a intuição que se pode ter desse devir. Ou seja, o movimento de pelo qual a cena se transforma da realidade para o imaginário.

Em *hoje é dia de Maria*, entende-se que a metáfora (especificamente nessa cena) é uma figura de estilo que consiste numa comparação da realidade e imaginário, causando o efeito de atribuição inesperada. Rossetti (2005), a metáfora é apresentada como capaz de sugerir essa visão do imaginário ao telespectador, e propõe o uso de imagens na intuição da essência das coisas Genette (1972) como fuga da realidade.

Os conceitos de Genette aqui atribuídos é como uma colcha de retalhos. No sentido que os conceitos estão muito “amarrados” um com o outro. Não se pode falar de metáfora sem falar em tempo e espaço.

Tempo e espaço - Maria perde a infância

O tempo e espaço em uma narrativa é confrontar a ordem de disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história. Se atentar ao fato de que, na reconstituição do plano da história, os eventos se articulam necessariamente em ordem linear, um fenômeno verificado com acentuada frequência nas narrativas será o da anacronia, quer dizer, o da discordância entre a ordem da história e a da narrativa” (GENETTE, 1972, p.33- 34).

Compreende-se que o tempo e espaço são o eixos fundamentais dentro da estrutura narrativa. Em *hoje é dia de Maria* a ênfase recai sobre o fantástico, o maravilhoso, o extraordinário. Aqui as coordenadas de espaço tempo foram abolidas. Maria empreende uma longa jornada, encontra inúmeras pessoas, vive diversas experiências, perde a infância, torna-se adulta, conhece o amor, sofrimentos, perdas, volta a ser criança, atravessa diversos tempos e lugares, sem, contudo, se deslocar no

tempo ou no espaço. Própria da experiência do sonho, em que no fim tudo volta a ser como era antes.

Figura 4 - Maria adulta e o homem pássaro



Fonte: Hoje é dia de Maria. Coletânea de Fotos da 1ª e 2ª jornadas (2006)

Durante toda a jornada Maria é perseguida por Asmodeu, o demonio. Que impede que a menina chegue às ‘franjas do mar’ e retorne para casa. Asmodeu cheio de armadilhas faz com que Maria perca a infância e a menina se transforma em mulher adulta. Maria, crescida, conhece o amor com o homem pássaro Amado. Mas, os dois vivem a sina de só poderem se amar à noite, pois, durante o dia, Amado volta a ser pássaro.

Para separar Maria de seu amor, Asmodeu volta o tempo, transformando-a em criança novamente. Mas ele exagera e transporta Maria para o tempo em que sua mãe ainda era viva. Ao chegar em casa, a menina não acredita quando reencontra a família.

Na cena em que Maria perde a infância podemos encontrar reflexão nas palavras de Bergson *apud* Rossetti (2005), quando diz que a essência de toda existência, teve a visão de que o tempo é estofado da realidade. Ao tentar dar expressão a essa intuição percebe-se os limites de linguagem conceitual quando se trata de falar do tempo intuído, isto porque o tempo é fugaz e a expressão fixa em palavras o movimento daquilo que é

significado. Na narrativa *Hoje é dia de Maria* por sua vez, por sua vez, compreende-se que o tempo e espaço são elementos fundamentais.

Considerações finais

O estudo permitiu compreender que a obra de *Hoje é dia de Maria* não foi construída a partir de uma adaptação de uma obra apenas, mas de um processo de “reciclagem cultural” presente na estilização feita por Luis Alberto Abreu e Luiz Fernando Carvalho, adaptando à cultura nacional elementos da cultura universal, e, ao mesmo tempo, resgatando da oralidade popular outros elementos, tidos como folclórico, fazendo proveito de diversos tipos de narrativa. Isto é, a hipertextualidade.

A obra apresenta aspectos inovadores no que diz respeito à construção narrativa, sobretudo no uso de diversas temporalidades, ao mesmo tempo em que retomou, em termos de abordagem temática e de estilo. Pode-se verificar a criação de uma nova linguagem ficcional que fez uso de diversos tipos de discursos que foram do popular ao erudito. Retrata uma nova forma de se recriar a narrativa televisiva, fazendo uso da intertextualidade. A intertextualidade é um dos conceitos propostos por Genette e este artigo permitiu observar que os conceitos do autor estão diretamente ligados à minissérie.

Entende-se que a narrativa se insere neste advento de elementos digitais. Com os novos suportes tecnológicos das mídias é possível contar história de um jeito diferente. As mídias estão sempre passando por processos de mudanças e as narrativas vão se adaptando a essas mudanças sem perder sua estrutura, ou seja, as narrativas não mudam. Mas as mudanças nas mídias são como “recheios” que apresenta para as narrativas uma possibilidade de ver o mundo de um novo modo.

Utilizando-se da intertextualidade em diversos tipos de narrativas, Luiz Fernando Carvalho criou uma verdadeira obra prima. Reuniu todas as condições para inovar a linguagem televisiva utilizada nos dias atuais. Percebe-se que na minissérie têm aspectos teatrais, a sensação é que levaram o teatro para dentro da televisão. Em *Hoje é dia de Maria* há elementos que não são comuns à teledramaturgia brasileira, como por exemplo, a musicalidade. A minissérie foi elaborada a partir das estruturas

presentes nas narrativas, mas trouxe subsídios tecnológicos que deixou *Hoje é dia de Maria* ainda mais encantadora.

Referências

ABREU, L.A.; CARVALHO, L.F. **Hoje é dia de Maria**. São Paulo: Globo, 2005.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GENETTE, G. **Palimpsestos a leitura de segunda mão**. Belo Horizonte: Editora Viva Voz, 2010.

GENETTE, G. **Proust palimpsesto**. In: Figuras. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GENETTE, Gérard. **Fronteiras da narrativa**. In: Análise estrutural da narrativa. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

HAUSCHILD, Adriane. **Ocê quer guiá seus passos lá pras franja do mar?** De como a literatura oral inspirou o teatro televisivo. Porto Alegre. Famecos/ PUCRS, 2007.

NOGUEIRA, Myriam Pessoa. **Hoje é dia de Maria borralheira: intertextualidades do roteiro da minissérie televisiva**. Belo Horizonte. Dissertação. Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_NogueiraMP_1.pdf. Acesso em Junho de 2014.

RISSETTI, Regina. **A comunicação do tempo de Proust**. Revista de Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. Compós. 2005.

VEREZA, S. C. **“Metáfora e argumentação: uma abordagem discursiva**. Linguagem e discurso. v.23, 2007. pp. 487-506.